

PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Helena Simão

ENTREVISTA

MARIA DE FÁTIMA MARQUES CORREIA SANTOS nasceu na freguesia de Santa Maria de Lagos, em em 1948.

Licenciou-se em Física, ramo educacional, exercendo a docência ao longo de toda a sua vida.

Em 25 de Abril de 1974, vivia em Lisboa, onde estudava, e recebeu a notícia em casa, pela voz da colega de quarto, Mariana.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000020

Título: Entrevista a Maria de Fátima Marques Correia Santos

Data: 29/09/2023

Local: Instalações da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos.

Tipo: Entrevista áudio formato M4A

Duração de gravação: 01:17:00

Entrevistador: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Registo fotográfico: Museu de Lagos / Helena Simão

Transcrição, revisão e edição: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Texto revisto e validado pelo entrevistado a 25/03/2024.



MUSEU
DE LAGOS

Patrícia de Jesus Palma (PJP): *Senhora Maria de Fátima, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar connosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Começo por lhe perguntar: vivia em Lagos no período da transição da ditadura para a democracia?*

Maria de Fátima Marques Correia Santos (MFMCS): No período da transição, sim, porque vim viver, casada, no início de agosto, 3 de agosto.

PJP: *De 1974?*

MFMCS: De 1974. Quando foi o 25 de Abril, vivia em Lisboa; estava a dormir no quarto que partilhava com a Mariana, que me veio anunciar, e a pergunta que fiz foi se era um golpe de estado de direita ou de esquerda...

PJP: *Porque as duas coisas eram possíveis?*

MFMCS: Sim. Essa foi uma pergunta que muita gente fez. Depois, ficámos fechadas em casa, do que eu tenho muita pena. Tentámos ir mais, mas não passámos da Gomes Freire. Morávamos na Rua David de Sousa, pertinho da Avenida de Roma e do Campo Pequeno; era uma sala e um quarto alugados num terceiro andar daquelas casas antigas; a dona da casa eram a D. Lucília e do Senhor, e havia ainda o filho deles e um primo. Nesse dia, estava também, lá, a passar uns dias com a filha, a mãe da Mariana, alentejana, ali da raia - Sobral da Adiça/Moura.

PJP: *E como é que tiveram a notícia?*

MFMCS: Não sei. Provavelmente ouviram na televisão. A Mariana disse-me: “– Houve um golpe de estado.” Eu estava a dormir.

PJP: *E depois durante o dia?*

MFMCS: A Mariana, era toda de esquerda – M.R.P.P. Eu não, não era alinhada em nada, mas estava na Faculdade de Ciências e a Faculdade de Ciências era um baluarte de esquerda, sobretudo a Associação que tinha sido fechada, um tempo antes, pela PIDE. Lá convivia com pessoal ligado a grupos de extrema esquerda, mas eu, nesse tempo, não tinha consciência disso. Era católica. Fazia parte do Grupo de Jovens de Santa Isabel. Tinha amigos padres – padres operários, alguns deles – conhecia muita gente que depois do 25 de Abril integrou o M.E.S. (Movimento de Esquerda Socialista). E como fui trabalhar para o Barreiro, isso alargou os meus conhecimentos com gente de esquerda - no colégio os padres eram todos progressistas, amigos, por exemplo, do padre Fanhais,

e, no ano seguinte, na escola oficial, também integrei um grupo de colegas ligados, inclusive, sem que o soubesse à altura, ao P.C.P.

PJP: *Já estava a trabalhar nessa altura?*

MFMCs: Sim. Ainda a fazer cadeiras na Faculdade.

Na escola oficial, no ano anterior a 74, tinha sido presa uma colega de escola por andar a distribuir panfletos em Fátima. Portanto, eu estava muito ligada a gente que participava ativamente em movimentos antifascistas.

PJP: *Em movimentos de resistência?*

MFMCs: Sim. Resistindo de variadas formas, sim. Ativamente.

PJP: *No próprio dia?*

MFMCs: No próprio dia, eu e a Mariana saímos de casa, mas não fomos longe, tenho muita pena de não ter ido mais, mas não era fácil. Lisboa, naquela zona da Avenida de Roma, Arco do Cego, estava vazia; não tinha ninguém. Conseguimos comprar o jornal, o *Diário Popular* ou a *Capital*, mas a Mariana estava muito preocupada com a mãe – ali assim no meio da revolução, coitada, estava cheia de medo.

Portanto, não fui ao Largo do Carmo, não vivi aí o 25 de Abril, apesar de estar em Lisboa. Fui, depois, à grande concentração no 1.º de Maio no que era o estádio da FNAT (Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, posteriormente INATEL) e é hoje Estádio Primeiro de Maio.

Foi o dia de ficar frente a frente com os tão falados Mário Soares e Álvaro Cunhal.

PJP: *Entre o 25 de Abril e o 1.º de Maio veio cá a Lagos?*

MFMCs: Não estou certa de ter vindo a Lagos antes do Primeiro de Maio. Vir cá abaixo, nesse tempo, era mais para namorar (rss) e preparar os trapinhos para casar. E, entretanto, engravidei.

PJP: *Antes do 25 de Abril? Casa quando?*

MFMCs: Casei em agosto, engravidei em junho, deixo lá fazer as contas – junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e março – é, eu engravidei em junho. Eu sabia, estava a fazer as contas só por brincadeira. Engravidei por uma patetice do sr. farmacêutico que não quis vender o anticoncepcional por não sermos casados (e já era no pós-25 de Abril!).

É. As minhas preocupações, na altura, eram um bocadinho marginais ao que decorria.

O meu marido, sim. Ele sim¹. Porque o meu marido era de um dos grupos M.L. (marxistas leninistas), estava muito ligado de uma forma legal, porque havia muita gente, ainda, ilegal. Grupos que viriam a dar origem a U.D.P.'s e outros partidos.

Por isso, estavam sempre a acontecer incidentes também eles um tanto nas margens do que decorria, mas relacionados, como no dia, em que chego à casa para onde fui viver, onde já vivia o meu marido e, ao cimo das escadas, estava o que tinha sido presidente da Associação de Estudantes! Andava fugido desde bastante antes do 25 de Abril, andava clandestino, ao que soube, e veio amalhar-se na casa daquele camarada, como se amalham muitos outros.

PJP: *E isso aqui em Lagos?*

MFMCs: Aqui em Lagos, sim, na casa do meu marido para onde vim viver, depois de casarmos. Já antes do 25 de Abril, andava muito camarada à minha volta, gente muito cheia de princípios: “deve-se, não se deve” e eu não era assim. Um dia, estava a ler Baudelaire e fui criticada porque aquilo não era uma leitura “adequada” era “uma leitura burguesa”. Gente dogmática, muito presa aos valores “morais” rígidos que teriam sido necessários na clandestinidade.

PJP: *E depois quando participa no 1.º de Maio?*

MFMCs: No 1.º de Maio estava em Lisboa e fui à festa!

PJP: *Era esse o ambiente, de festa?*

MFMCs: Era o ambiente de festa. Mas em Lagos, no meio em que eu vivia, era muito ambiente político.

PJP: *Sentiu-o aqui?*

MFMCs: Ah, sim!

PJP: *Portanto, quando chega aqui a Lagos encontra esse ambiente politizado.*

MFMCs: Sim.

PJP: *E no que é que se concretizava?*

MFMCs: Era um espírito da clandestinidade que estava em muita gente mesmo no pós-revolução... E eu, se calhar, sou a única que conta isto assim, mas eu senti isso talvez porque era uma menina...

¹ Maria de Fátima Marques Correia Santos é casada com Joaquim Domingos Correia Santos, que não foi possível entrevistar devido ao seu estado de saúde.

PJP: *Dona do seu nariz.*

MFMCs: Sim e não admitia que me estivessem a criticar por não sei quê. Eu, sim senhor, era muito austera, mas, isso tinha a ver com o meu pai, tinha a ver com o eu ser católica...

PJP: *Com a educação.*

MFMCs: Com a educação que tive, mas não por regra que me viessem impor de fora.

Portanto, sim, não foi muito simpático. Mas, no resto, no que ia acontecendo, era uma festa.

O G.A.C. (Grupo de Ação Cultural) ainda antes de existir como G.A.C., esteve na minha casa e tanta gente lá passava.

E havia a escola.

E havia as atividades de esclarecimento da população em diversas frentes. Faziam-se coisas giríssimas. Particpei num teatro de sombras. O tema era informar sobre a luta da libertação na Guiné-Bissau, tendo a figura do Amílcar Cabral como narrador num texto escrito por um colega, um professor, ao tempo, em Lagos; os nossos corpos apareciam como sombras, iluminados atrás de lençóis. Fomos com esse teatro à Mexilhoeira Grande e a Silves e, se calhar, a outros sítios e eu esqueci-me.

E no fim havia grandes debates.

Ensaíávamos num local onde agora é a Pousada da Juventude.

Era, aliás, esse um local de intensa atividade de um grupo muito, muito alargado de jovens e menos jovens da cidade, muitos deles, antes do 25 de Abril, ligados aos Escuteiros e outras organizações juvenis do fascismo, como a Mocidade Portuguesa.

Esse espaço, onde tinha sido a Casa da Mocidade Portuguesa, foi tomado por alunos da escola e professores e originou o que designávamos por CJ – assim dito: Cê Jota – e era a C.J.T.E. – Casa da Juventude Trabalhadora e Estudantil.

Foi um centro muito dinâmico nesse tempo. Caía lá o pessoal da cidade que queria estar e estava na festa que se vivia, nas ações que se pretendia realizar para acompanhar o que decorria do 25 de Abril.

PJP: *Para atividades culturais e artísticas?*

MFMCs: Sim. Reuniões em que debatíamos temas. A independência das colónias estava muito na ordem do dia. E faziam-se lá cartazes e textos policopiados. Aquilo era uma imensa atividade! Dias e noites.

Fazíamos noites de poesia, noites de discussão, de cartazes e outro material para informar a população da cidade.

Muita gente que frequentava a CJ, se não todos, foram trabalhar para a ceifa e outras atividades da dita Reforma Agrária. Fomos para Barão de S. Miguel. Éramos transportados em carros do exército.

Na escola, era a participação em reuniões, eram sessões de esclarecimento nas aldeias, sobre tanta coisa, sobre o papel que se esperava da mulher neste pós revolução.

Houve uma atividade muito interessante para mostrar as diferenças entre uma sociedade capitalista e a sociedade que pretendíamos que se fosse criando. Apresentavam-se às pessoas uma história com desenhos de rãs – eram elas quem contava – assim como se fosse uma fábula. Mostravam-se os desenhos, que iam contando uma história e assim se ateava o debate.

Lembro-me de ter ido a Aljezur com este trabalho, eu e vários colegas, e de a sala estar cheia de gente.

Este ritmo de festa e atividades, durava, ainda, no 11 de março, quando se deu a intentona, o golpe falhado do Spínola, estava eu, já, com um imenso barrigão. O meu filho João Pedro nasceu no dia 12.

Nesse dia 11, mal chegaram notícias do que se passava em Lisboa, a escola fechou e foi toda a gente para a Praça do Município, onde o povo se reunia sempre, a manifestar-se.

Eu e mais uns amigos andámos pela cidade com *sprays* a pinchar palavras de ordem contra o golpe. Devia ser “Abaixo o Fascismo”, por exemplo.

PJP: *A pintarem as paredes?*

MFMCs: Sim, a pintar as paredes. Eu estava muito, muito prenhada e, no outro dia, pari, às 14h.

PJP: *Então, participam os dois, de forma muito ativa, na construção da escola da liberdade?*

MFMCs: Claro, sim. Tudo o que eram plenários e reuniões, eu sou interveniente. Trazia a tarimba dos plenários da Faculdade de Ciências.

PJP: *Mas em que tudo se discutia na escola e se decidia coletivamente?*

MFMCs: Tudo. Tudo se discutia na escola. Tudo se decidia coletivamente. E eu acho, na minha escola, ou pelo menos é o meu sentir, acho que nós, não sendo muito simpáticos para os colegas mais conservadores, não fomos antipáticos. A não ser àqueles que

manifestavam posições abertamente contra o clima vigente. Aí, eu lembro-me de eu própria ter intervenções pouco generosas quando as pessoas tentavam puxar para trás.

PJP: *E que escola é que idealizavam? Qual era a escola dos vossos ideais, nesse período em que tudo era possível, quase.*

MFMCs: Que escola é que a gente queria... Eu comecei a dar aulas no Barreiro, num colégio de padres. Eram padres progressistas, antifascistas, contra o regime. Comecei a trabalhar aí. E no ano seguinte, já no ensino oficial, fiquei colocada, também no Barreiro, numa escola com gente muito interveniente como essa colega que referi ter sido presa.

Já então, em pleno fascismo, nessas escolas em que trabalhei, a gente decidia muita coisa em conjunto e procurava relações democráticas ainda que nem referindo o termo. Portanto, na minha cabeça e na minha prática, já havia um conceito de escola em que as pessoas tinham, ou procuravam ter, liberdade, em que os alunos eram tratados como iguais com voz opinativa, em que as coisas eram conversadas, em que não se tratava os alunos pelo número, em que os pais eram corresponsabilizados – uma escola de alguma igualdade e de muita responsabilidade; uma escola para formar, independentemente das origens sociais.

Porque, nesse tempo, tudo era realmente muito demarcadas pelo dinheiro, pelo social. Era preciso criar uma escola em que os alunos fossem intervenientes, participativos, responsabilizados. Iguais independentemente da sua origem social.

PJP: *Então, voltemos a essa fase mais anterior, em que, julgo que faz a sua escolaridade inicial?*

MFMCs: Está a falar de mim agora para trás? Eu andei na escola até à 3.^a classe aqui em Lagos.

PJP: *Numa escola pública ou particular?*

MFMCs: Pública.

PJP: *Só de meninas ou mista?*

MFMCs: Só de meninas, aqui em Lagos, aqui no continente não havia escolas mistas. Talvez nas aldeias, por necessidade, quando a mesma professora tinha todos os alunos e todas as classes na mesma sala.

No entanto, por razões diversas e que eu presumo de mais abertura, em Angola, na minha quarta classe, já frequentei uma classe com raparigas e rapazes. Mas também lá não era a norma e, no liceu, até ao sexto e sétimo anos, apesar de ser um liceu misto, as turmas eram ou de raparigas ou de rapazes.

Falo em Angola, porque lá as coisas eram um bocado diferentes. Bastante. Mais livres. Era Portugal, mas tinha pouco a ver em termos de modos de estar e de preconceitos.

O meu pai era militar, foi deslocado para o continente e eu vim fazer o 5.º ano a Faro e isto cá era medonho! A escola em Angola era também uma escola do fascismo, mas permitia alguma liberdade ao menos ao nível dos modos de estar: Lá, a gente andava de calções por baixo das batas, sentava-se e se a bata fugisse toda para cima, ninguém reparava! Aqui, a diretora ia para a porta do liceu ver se as alunas tinham meias!

Um exemplo de um comportamento impensável em escolas de Angola e que se deu no liceu de Faro.

PJP: *Fazer a inspeção?*

MFMCs: Inspeção, isso!

PJP: *Então, está cá em Lagos até que idade?*

MFMCs: Estou aqui até aos 10 anos. Fiz a 3.ª classe aqui, uma parte em Tavira, e fui para Angola na 4.ª; vim fazer o 5.º a Faro, e voltei para Angola onde fiz, em Luanda, o 6.º e o 7.º no mítico Salvador Correia.

PJP: *E essa experiência, entre cá e lá?*

MFMCs: A gente chega cá, eu e o meu irmão, eu com 16 e o meu irmão com 14, ele muito bom aluno, eu razoável. Ele era excelente. E, ainda assim, sentimos esse liceu de Faro horrível. Não havia nada, não havia liberdade nenhuma, era tudo constrangido, era tudo mal feito.

PJP: Por comparação à experiência que tinham tido?

MFMCs: Por comparação à experiência dos liceus onde tínhamos andado. A gente lá andava à nossa vontade.

PJP: *Sempre foi expectável que a Fátima estudasse?*

MFMCs: Sim, o meu pai trabalhou e viveu só para isso.

PJP: *Como é que escolheu ir também para as ciências exatas?*

MFMCs: Acho que teve muito a ver com o meu pai. O meu irmão foi para Engenharia Mecânica. Éramos muito pequeninos, o meu pai sentava-nos ou nos passeios que dávamos, contava-nos o que ele sabia e sabia bastante, na altura, de eletricidade e de coisas de ciência, e isso, se calhar, ficou, teve influência. Porque eu, no 5.º ano do liceu, dispensei a letras e não a Ciências. Tudo indicaria que fizesse o 5.º ano e depois me matriculasse em Letras, mas não, eu sempre quis ir para Ciências e não para Letras.

Mas está a falar do 25 de abril, ou de mim?

PJP: *Sim, de si. E, quando sai de Faro, vai para Lisboa?*

MFMCs: Não, de Faro vou para Angola outra vez; vou para Luanda. Faço o 6.º e o 7.º ano lá e depois é que venho, de todo, para cá.

PJP: *Vem diretamente de lá para Lisboa? Quando chega a Lisboa, que cidade é que encontra, que relações é que encontra, como é que se adapta a Lisboa? Em que ano?*

MFMCs: Fiquei em Luanda até fazer os exames de aptidão à Universidade. Ano de 1955. Venho com o pessoal todo de lá, porque ainda não havia universidade em Angola. Todos vinham estudar para o continente. Da minha área, dos que ficaram por Lisboa, uns foram para o Técnico, outros para a Faculdade de Ciências. Não houve desadaptação nesse ano de retorno. Íamos às festas, aos cinemas os que tínhamos vindo de Luanda e ainda por cima alguns ficaram a morar ao pé de mim, e eu vim com o pai e com a mãe e com o irmão.

PJP: *Vieram em família? Portanto, nunca houve aquela sensação de estar desprotegida?*

MFMCs: Não. A desadaptação viria depois; quando, no ano seguinte, abriu a universidade em Luanda e a maioria foi para lá. Aí, fiquei muito sozinha, sim.

PJP: *A Faculdade correspondeu àquilo que esperava encontrar, ou também sentiu esse fechamento que tinha encontrado no liceu?*

MFMCs: A Faculdade não me foi um meio hostil, não. Éramos muito pouquinhos por curso e, por isso, era acolhedor, era simpático, mesmo com os professores mais velhos. Acho que a Faculdade de Ciências, e o Técnico, tinham gente muito contra a situação e, por isso, o ambiente, era o ambiente de Faculdade, rígido, sim, mas não era ostracizante. E a Associação de Estudantes funcionava como colchão. Era muito acolhedor, a resolver problemas...

PJP: *Chegou a fazer parte da Associação?*

MFMCs: Não, não. Trabalhei uns tempos na Associação de Estudantes, mas uma coisa muito esporádica, muito ligada a participar em reuniões, em plenários.

Particpei, não tão de longe assim, em 71, quando foi da reforma Veiga Simão, mas aí também, quem é que não participava?

E depois havia as greves.

Sim, eu, de alguma forma, estava dentro, não participava, mas estava por dentro. Participação era porque frequentava a Capela do Rato e a Igreja de Santa Isabel, onde o padre Resina ia fazer as missas das 6h de sábado e as homilias dele eram censuradas. Fazia parte do grupo de jovens da Igreja de Santa Isabel, de alma e coração. Jovens que trabalhavam na LISNAVE, universitários, professores. Era uma vivência muito rica, com gente muito diferente e gente muito boa.

PJP: *Como é que decidem voltar para Lagos? Era uma coisa que estava já prevista?*

MFMCs: Não. Vir para Lagos isso é já outra parte da minha vida. Namorei com aquele homem de Lagos, ele veio trabalhar para Silves, engravidei, decidi concorrer para Lagos, casei e vim viver para aqui. Assim. Os meus pais viviam cá. Calhou ele ser daqui. Se fosse de Trás-os-Montes, eu tinha ido.

PJP: *Portanto, foi a origem dos dois que naturalmente...*

MFMCs: Calhou, calhou. Andei por tanto sítio, conheci tanto homem e vim casar com um filho de um amigo do meu pai, na terra dele, e vim viver para aqui.

Depois, andei sempre metida em muitas coisas. Associação para o Planeamento da Família, associações de mulheres.

PJP: *Porque era preciso fazer?*

MFMCs: Sim, sim. E era professora. Fiz parte, sempre, eu nunca tive muito jeito para partidos, afinava porque eram muito...

PJP: *Muito dogmáticos?*

MFMCs: Ei, palavra linda! Dogmatíssimos! Elas então eram horríveis. Houve uma altura que não se pintavam, não porque não gostassem, que era o que me acontecia a mim, mas porque o Partido não permitia. Pode?!

PJP: *Liberdade individual acima de tudo?*

MFMCs: Sim, eu era muito pouco obediente.

PJP: *Porque colocava esses limites.*

MFMCs: Claro, e nunca fiz parte, mesmo da UMAR (União das mulheres Antifascistas e Revolucionárias, hoje União das Mulheres Alternativa e Resposta), onde trabalhei e conheci muitas mulheres, mas sempre desintegrada, sempre sem cartão...

PJP: *Namorava, mas não casava...*

MFMCs: É. Ir a reuniões era horrível, porque eu dizia o que pensava e o que eu pensava não era...

PJP: Não batia...

MFMCs: Toda a gente, agora, me tem muito respeito, mas, naquela altura, eu não servia o padrão. Mas é engraçado lembrar tantas coisas giríssimas que se faziam. Na minha casa passou tanta coisa...

PJP: Portanto, a sua casa também funcionava como um espaço de encontro?

MFMCs: Às vezes, sim, aquilo ainda funcionava muito com a mentalidade da clandestinidade e havia camaradas com muitas dificuldades que iam lá a casa tomar um banho, comer uma refeição quente. E eu achava engraçado, porque aquilo tinha muito a ver com algum espírito dos católicos. Mas tinha que impor limites, porque havia quem achava que era uma obrigação, só porque era camarada! Mas conheci gente muito interessante. Lembro-me de um homem mais velho que nós, que era cinco estrelas.

PJP: Não é de todos.

MFMCs: Não, não era mesmo de todos.

PJP: E lembra-se do período do primeiro período eleitoral, das primeiras eleições?

MFMCs: Lembro-me das eleições para as presidenciais em que estivemos na Casa da Juventude e que eu fiz parte, estive numa mesa de voto.

PJP: Onde?

MFMCs: Ali na rodoviária.

PJP: Deve ter sido nas autárquicas, em dezembro de 1976.

MFMCs: É capaz. A gente estava todos lá a fazer contagens de votos nessa mesa.

PJP: Naturalmente?

MFMCs: O que é que dizer com naturalmente?

PJP: Essa participação nas mesas de voto, propuseram-se a isso?

MFMCs: Devia ser mais ou menos como é agora. Havia várias forças políticas, alguém devia estar a organizar e indicava quem ficava e as forças políticas, que eu não digo partidos, diziam: “– Olhe, vai este camarada para aqui, aquele para ali.” Noutras eleições, talvez aí, sim, para as presidenciais, fui para Bensafrim também por causa das mesas de voto.

PJP: Iam para Bensafrim no âmbito das eleições ou do recenseamento?

MFMCs: Não sei, não faço a mínima ideia.

PJP: *A partir daí, o que é que foi realmente importante?*

MFMCs: Até aqui, o que foi importante foi viver a festa! Foi sempre importante o viver a festa e viver em festa. Depois, o estar casada e estar grávida. E a festa entrecruzava-se com tudo. No dia onze de março, apareceu lá em casa um camarada a levar propaganda. Ainda não havia sedes de partido, depois é que começaram a haver sedes. Ele veio e foi no carro dele que fui parir. Era um Fiat 600, muito velho, chovia lá dentro, No outro dia de manhã, comecei com contrações e aproveitamos o carro do camarada, para ir para o hospital. Rebentaram-se-me as águas pelo caminho, quando fui comprar uma sandes.

PJP: *E o marido não foi consigo?*

MFMCs: Que jeito não ir! Foi. Mas a noite anterior tinha sido intensa. Havia em Portimão um pré-fabricado no quintal de um camarada, cauteleiro, que servia de local de reuniões. Nessa noite de 11 para 12 de Março de 1975, estiveram lá a analisar os acontecimentos. Assim, no dia 12, o meu marido, apesar de ter ficado comigo no hospital acabada de parir, de pouca companhia me serviu. Chamei por ele e gritou, mal acordado: “– Camaradas!” Como se estivesse ainda na reunião! Eram tempos complicados...

Um dia, a criança já nascida, chego a casa, tinha deixado uma roupinha passada a ferro em cima de uma cadeira e deparo com um camarada sentado em cima.

PJP: *E o que é que aconteceu ao camarada?*

MFMCs: Não sei, não me lembro – ao camarada normalmente não acontecia nada, depois o meu marido é que me ouvia...

PJP: *A partir daí, portanto, de 76, o que é que passa a ser importante para a Fátima fazer?*

MFMCs: Eu nunca fui política.

PJP: *Sendo, sempre.*

MFMCs: Ou melhor, nunca fui político-partidária. Sempre me identificaram como uma mulher da U.D.P. Nunca fui.

PJP: *E como é que se identifica?*

MFMCs: Nada, nunca fui nada. O marido é que era.

PJP: *E começa a envolver-se em diversas associações.*

MFMCs: Sim. Sim, andei sempre metida em coisas. Mas aí, na altura do João pequenino e antes de eu ficar grávida do Nuno, era escola e escola e escola e, na escola, participava em tudo.

PJP: *Na orientação pedagógica da escola?*

MFMCs: Sim. Mais tarde, 77, ou por aí, estive no primeiro Conselho Diretivo com lista eleita em sufrágio pelos professores da escola, num processo de listas candidatas que foi do mais animado, chamemos-lhe assim, que possa imaginar – votos contados um a um, contactos (campanha) feitos, até, indo às casas dos colegas. Uma maluquice.

Está-me a perguntar e eu estou aqui... à procura... o que é que eu fazia?

Mas não me lembro o quê. Se calhar, não fazia nada...

Mas, estivesse como estivesse, eu estava bem. Logo no primeiro ano, acho que me centro muito na escola, nas coisas, que não eram poucas, que fazia com e para a escola.

PJP: *Na construção da escola da liberdade.*

MFMCs: O meu marido ia fazer sessões de esclarecimento às aldeias. E eu ia também falar sobre a emancipação das mulheres, o papel das mulheres na sociedade, os filhos e como os criar. Foi aí que conheci e sobretudo fiquei conhecida por montes de gente de que eu já nem me lembrava e, mais tarde, se me apresentavam como mães e pais de alunos.

PJP: *Ia às freguesias, às aldeias?*

MFMCs: Ia. E andei na reforma agrária! Ai, tenho fotografias, quer? Tenho.

PJP: *Sim, muito.*

MFMCs: Não tenho muitas, mas tenho.

Bom, fomos para lá, ceifar, fazer molhos de cearas, apanhar grão, abrir um caminho.

Eu não estive muitos dias, não sei porquê, se calhar porque estava grávida, mas o resto da “brigada” esteve por lá mais tempo.

Aquilo era mesmo trabalhar no duro. Lembro-me de o dono das terras me ter dito que eu parecia uma camponesa e eu ter ficado toda inchada! Uau!

PJP: *Orgulhosa?*

MFMCs: Orgulhosa, porque parecia uma camponesa. Porque me identificava, até no ar, com o povo. Era, ao tempo, um enorme elogio.

E lá andava a gente na ceifa. E a rapar grão, Rapar grão é horrível, aquilo pica que eu sei lá!

PJP: Iam fazer isso porquê?...

MFMCs: Porque era para estar com o povo, dar o exemplo, que não havia cá os intelectuais e os trabalhadores: todos faziam tudo.

PJP: E isso foi onde? Onde é que iam?

MFMCs: Deve ter havido em mais sítios, mas onde eu participei e, como lhe digo, eu acho que participei poucos dias, mas aquele pessoal foi para lá mais vezes, era em Barão de São Miguel. Deve ter havido em mais sítios, de certeza.

PJP: E as sessões de esclarecimento de que estava a lembrar-se?

MFMCs: As sessões de esclarecimento, eu não consigo ver-me em ação, mas sei que sim. Sei que havia mulheres que se lembravam de mim...

PJP: Aqui no concelho de Lagos?

MFMCs: Sim, por aí, algures.

Outra coisa que fizemos, nessa altura, ou seja, logo ali à volta do 25 de Abril foi a alfabetização, na tal CJ (Casa da Juventude), onde eu fiz amigas até hoje. Uma delas morreu agora com 90 anos e o filho é o pedreiro lá do meu bairro.

PJP: E eram onde as sessões?

MFMCs: Eu não sei quem é que promoveu aquilo, não faço ideia. Sei que fazíamos as aulas com materiais baseados na escola de Paulo Freire, e as sessões funcionavam na tal Casa da Juventude. Mas fomos fazer alfabetização noutros locais, como na escola do Chinicato – eu não, eu sempre fiz alfabetização na CJ. Não sei se tenho ainda materiais desses, que preparávamos para dar as aulas.

PJP: E eram pessoas, nesse caso, da cidade?

MFMCs: Eram pessoas daqui da zona, sim. Estou-me a lembrar desta que morreu, a Fielpina, que ficou muito nossa amiga e que fez a 4.^a classe. Mas havia mais.

Havia o Sr. Marcelino que tinha uma pequena taberna ali ao pé da Igreja de Anto António.

PJP: E havia muita gente?

MFMCs: Sim, houve quem tivesse feito o exame da quarta classe.

PJP: E faziam à noite? As pessoas vinham do trabalho?

MFMCs: Sim. Era sempre de noite. As pessoas eram cinco estrelas - a relação entre alfabetizador e alfabetizados, era uma relação muito forte.

Sabe, Patrícia, Liberdade, Igualdade deixaram de ser palavras para serem a Realidade! Passaram a ser vivências!

Estou a lembrar-me de um outro homem, o Sr. Joaquim, pescador, que reverteria o barco em barquinho de passeio para os turistas, como fizeram alguns. Todos já falecidos, pois então, seria gente na casa dos trinta e tal quarenta ou mais, ao tempo.

Sim, era um trabalho muito gratificante. Muito duro também. Ultrapassar as dificuldades, as vergonhas.

PJP: E durante quanto tempo é que fez?

MFMCs: Ai, não faço ideia! Não sei, Um ano, dois anos, ou mais. Não sei...

PJP: E faziam no final a certificação?

MFMCs: Faziam, claro, mas a organização nunca era comigo. Foi sempre assim na minha vida: nunca fui a organizadora. Isso eu acho que posso garantir que nunca. Os outros organizavam, eu participava e, provavelmente, fazia que as coisas ficassem à minha maneira, mas não tinha a responsabilidade dita burocrática. Não tenho jeito nenhum. Não me agrada ter. Mas gosto de participar e gosto que fique bem feito.

Falei na alfabetização e qual foi a outra coisa que falei aqui?

PJP: Da reforma agrária e as sessões de esclarecimento às mulheres.

MFMCs: Mas as sessões de esclarecimento não consigo ver-me, mas sei que sim, tenho a certeza que fui, que também lá estive. Reuniões de mulheres, só mulheres, no quartel. O quartel era nosso.

O quartel é uma coisa que eu acho muito engraçado, porque o 25 de Abril mudou tudo nesta cidade. Não sei como é que era a cidade antes, não vivi cá, mas tenho a ideia de quando tinha 16 anos e depois aí com 19 quando vim cá passar umas férias. Isto era uma coisa horrível, uma coisa medonha! Não era cinzenta, era negra! Eram os bailes, que nada tinham que ver com as festas lá em Luanda, em Nova Lisboa. Festas! Não estavam lá nem pais, nem mães, nem tias, nem havia cadeiras: “- Queres dançar?” Aqui era horrível, era uma coisa pavorosa. Formal. Mas elas achavam muito engraçado ir aos bailes.

PJP: Era a única realidade que conheciam.

MFMCs: Esta cidade era pavorosa, por isso eu acho que o 25 de Abril escangalhou isso tudo! Não deixou pedra sobre pedra. E havia gente que não gostava nada! Sentia-se isso na escola, muito.

Estou aqui a falar, a tentar recordar e está-me a acontecer um fenómeno: o de me aperceber, aqui e agora, que eu não tive 25 de Abril, que o meu 25 de Abril fui eu que pari, que comecei a dar aulas no ensino de Física, pela primeira vez, que vim viver para Lagos, tudo junto, tudo ao mesmo tempo!

Venho para Lagos, para uma cidade que era a minha, mas que estava toda diferente. De repente, viu-se escangalhada e eu queria era aquela cidade escangalhada, não queria a outra. Esta que, de algum modo, eu estava a construir tal qual como eu queria. Onde fazia como queria e acontecia, e não tinha críticas, não tinha olhares de preconceitos ou era como se não tivesse. Onde era como se não houvesse ricos e pobres e, havendo, fosse dada toda a importância aos pobres. Essa era toda a minha visão. Eu estava como queria, estava prenha, casada e a viver uma maravilhosa utopia.

PJP: *Para a Fátima, todo esse tempo foi fecundidade.*

MFMCs: Tudo, tudo. Por isso, vem-me perguntar: e o seu 25 de Abril? E eu até me esqueço das coisas principais.

Eu estava a construir a minha vida na liberdade que acontecia com seriedade. Por exemplo, as manifestações... Qualquer coisinha e a escola saía toda para a rua numa rebaldaria. Ninguém dizia nada, uns por receio, a maioria por deixar ir. Eu ficava furiosa!

Um dia, disseram-me, um aluno dessa época: a professora naquela bagunça era a única que dava aulas.

A única seria exagero, mas as pessoas tinham medo de fugir à regra e a regra era um bocado sem rei nem roque. Eu dava aulas, sim, com experiências de química e tudo.

Falo de 74, 75, ainda por 76. Depois foi tudo entrando nos eixos.

Ali logo em 74 e 75, o pessoal que estava muito, muito metido, muito a querer a liberdade, acabava por quase estar cego. Por exemplo, os alunos invadiam a sala dos professores e os professores tinham medo de lá entrar. Os alunos sentados por lá debochadamente e ninguém dizia nada àqueles filhos da mãe!

Eu dizia.

Além de terem ocupado a sala de professores, coisa de que guardo muito penosas recordações, havia os telefonemas a avisar de bomba, e a escola evacuava toda!

E eu ficava, impotente, mas fula a perceber que tudo aquilo era aproveitar o ambiente para a bandalheira.

PJP: *Mas estavam mesmo bombas na escola ou era só o anúncio?*

MFMCs: Alguma vez! Agora, por causa dum incidente com estes telefonemas, estou a lembrar-me duma colega e, daí, a lembrar-me de reuniões/sessões de esclarecimento que tive. Essa colega estava cá há pouco tempo. Era uma mulher nada alinhada com o espírito do 25 de Abril, mas sem querer fazer-se notada e, assim toda envolvida com os colegas com quem mais se dava e uma delas era eu. Era impecável. Como era a única de nós que tinha carro – um carrinho descapotável! – levava-nos, aos que íamos fazer sessões de esclarecimento. E estou a ver-me com mulheres, além da Meia Praia, lá ao fundo, sentadas no chão!

As mulheres subiu-lhes a Liberdade à cabeça! Foi visceral, espontâneo: “Posso ter voz!”

E, agora, de repente, comecei a ver-me em sessões de esclarecimento na Fábrica do Aldito.

Aaai!! O que esta mulher me fez! Estava eu tão descansada com as minhas coisas todas arrumadas no sítio! Eu sou uma senhora professora e afinal...!

Bom, quando se vai para a estação, quando se vai para a Marina, há aí uma residencial enorme com uma chaminé. Era uma fábrica de tijolo e depois daí para a frente aquilo era tudo rio, nada como está agora. Não havia marina, havia a estação, mas a geografia em volta era muito diferente, e aí, eu agora de repente vi-me, sozinha numa roda de vários homens a fazer uma sessão de esclarecimento, a esses trabalhadores da fábrica.

PJP: *E falava sobre o quê?*

MFMCs: Agora que me lembrei, de repente, agora quer que me lembre sobre do que é falava?!

PJP: *É só mais um bocadinho.*

MFMCs: Provavelmente, falaria sobre o que fosse importante – não faço ideia! Não sei. Então, lembrei-me agora: vi-me! Como vi a Manela a nos ir levar à Meia Praia. É assim.

Faça-me lá voltar ao ponto.

PJP: *Ao ponto: que o quartel estava por vossa conta...*

MFMCs: A ideia que eu tenho é que carros da tropa, a tropa, tudo aquilo era do povo. Era o M.F.A.

PJP: *Uma coisa que lhe vou pedir, entretanto, até termos a próxima conversa, essas fotografias e coisas que referiu...*

MFMCs: Vou ver o que é que tenho, sim.

PJP: *Muito obrigada pelo seu testemunho.*

Referência para citação: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a Maria de Fátima Marques Correia Santos*. 2024-09-29. 17 p. Acessível, com a ref.^a PT/ML/AML/C/3/35/000020, em <https://abrir.link/ijdvI>.